

63: O Peso dos Ciclos



PAULITO DAGEN ROER

Sessenta e três passos ao longo de sete ciclos governados pelo invisível.

Copyright: © 2016 Paulito Dagen Roer.

Produção geral: Yanice Sídís.

Redes sociais: @paulito.dagen.roer.

Todos os direitos reservados.

63: O Peso dos Ciclos

Paulito Dagen Roer

*Narrativas fraturadas em sete blocos sob o peso
do tempo.*

2016

"A engrenagem do tempo exige sete giros antes do repouso."

Nota do Autor

Este livro foi escrito sob o impacto de vozes que não habitam os meus trópicos, mas que moldaram a minha gramática do silêncio.

Ao traduzir o peso dos ciclos para a língua portuguesa, as paisagens aqui descritas — as vilas enevoadas, os invernos perenes, os trilhos sob a geada — não buscam reproduzir uma geografia real, mas sim cartografar um território puramente literário. É o registro de um exílio duplo: o dos personagens que habitam estas páginas e o da própria palavra, forçada a habitar cenários que não são os seus de origem.

Que o leitor brasileiro aceite este convite para cruzar uma fronteira invisível, onde a língua de partida se torna o único solo firme em um mapa feito de névoa e permanência.

— P. D. R.

63: O PESO DOS CICLOS — PROJETO DE SUMÁRIO

- *Folha de Rosto*
- *Créditos e Ficha Catalográfica*
- *Dedicatória / Epígrafe Geral*

PARTE I: Monólogos da Névoa EstagnadaPg. 1

- *Conto 1: O crepúsculo na vila*
- *Conto 2: A repetição dos passos na estrada de ferro*
- *Conto 3: A rotina do homem que conta os grãos de café*
- *Conto 4: A chuva que não cessa sobre o campanário mudo*
- *Conto 5: O relógio sem ponteiros na parede da taverna*
- *Conto 6: O diálogo interno que se perde no vento do norte*
- *Conto 7: A névoa que invade a sala pelas frestas do assoalho*
- *Conto 8: A insistência mecânica de uma engrenagem velha*
- *Conto 9: O último vislumbre da luz antes do blecaute total*

PARTE II: A Anatomia do Silêncio.....Pg.21

- *Conto 10: A cicatriz no joelho*
- *Conto 11: O telefone que não toca no apartamento*
- *Conto 12: O cheiro do querosene e as mãos da mãe*
- *Conto 13: A mesa de fórmica lascada como altar doméstico*
- *Conto 14: A costureira que perde a visão sob a lâmpada fraca*
- *Conto 15: O hematoma que reage à queda da temperatura*
- *Conto 16: O prato quebrado na cozinha que ninguém*

limpa

- *Conto 17: A contabilidade fria das humilhações diárias*
- *Conto 18: O espelho do banheiro que devolve o envelhecimento*

PARTE III:

[Bloco Zero: Geografias de Ninguém].....Pg. 41

- *Conto 19: O passaporte carimbado com tinta borrada*
- *Conto 20: A mala que carrega apenas terra do país natal*
- *Conto 21: A língua estrangeira que soa como vidro quebrado*
- *Conto 22: O cais do porto onde os navios não têm nome*
- *Conto 23: A fotografia em preto e branco que começou a amarelar*
- *Conto 24: A pensão barata com cheiro de mofo e repolho cozido*
- *Conto 25: O bilhete escrito num idioma que o destinatário esqueceu*
- *Conto 26: A fronteira invisível marcada por arame farpado e geada*
- *Conto 27: O homem que esqueceu o próprio sobrenome na alfândega*

PARTE IV: Baladas para Despistar o Tempo.....Pg. 61

- *Conto 28: O violão desafinado no canto do quarto escuro*
- *Conto 29: A poeira que dança no raio de sol da tarde*
- *Conto 30: A canção de ninar que a avó cantava no inverno*

- *Conto 31: O corvo que pousa na cerca de madeira podre*
- *Conto 32: A estrada de terra que desaparece no horizonte seco*
- *Conto 33: O rastro de sangue na neve deixado por um lobo solitário*
- *Conto 34: A fumaça do cachimbo que desenha figuras no teto*
- *Conto 35: O vento que uiva pelas frestas da cabana de toras*
- *Conto 36: O eco de uma gaita de boca na colina deserta*

PARTE V: [Arquivo Polifônico].....Pg. 81

- *Conto 37: O depoimento da mulher que recolhia estilhaços de bomba*
- *Conto 38: A carta interceptada pelo censor do regime militar*
- *Conto 39: O diário enterrado sob as raízes da macieira morta*
- *Conto 40: O sussurro dos prisioneiros no pátio de cimento cinzento*
- *Conto 41: A máquina de escrever que perdeu a letra "A"*
- *Conto 42: O megafone que anuncia ordens que ninguém compreende*
- *Conto 43: O arquivo de fichas médicas cobertas de mofo no porão*
- *Conto 44: O relato do coveiro sobre o inverno de mil novecentos e oitenta*
- *Conto 45: A voz anônima que gravou um desabafo na fita*

cassete

PARTE VI: Constelações Ocultas sob a Pele.....Pg. 101

- *Conto 46: A mulher que conseguia ouvir o crescimento das plantas*
- *Conto 47: O relógio de bolso que andava para trás nas terças-feiras*
- *Conto 48: A biblioteca cujos livros mudavam de texto durante a noite*
- *Conto 49: O cão de três pernas que previa a chegada dos telegramas*
- *Conto 50: O espelho que mostrava o reflexo com dez anos de atraso*
- *Conto 51: A costura invisível que unia o destino de dois desconhecidos*
- *Conto 52: O vendedor de mapas de cidades que nunca existiram*
- *Conto 53: A mancha de infiltração na parede que desenhava um rosto*
- *Conto 54: O menino que colecionava dentes de leite de animais extintos*

PARTE VII: O Inventário das SobrasPg. 121

- *Conto 55: A cadeira vazia diante da mesa posta para um*
- *Conto 56: O sapato sem par esquecido no acostamento da estrada*
- *Conto 57: A última lâmina de barbear usada até perder o*

corde

- *Conto 58: O cinzeiro cheio de bitucas apagadas na madrugada*
- *Conto 59: O guarda-chuva quebrado que não protege da tempestade*
- *Conto 60: A xícara de café frio com uma mosca afogada no fundo*
- *Conto 61: O casaco de lã roído pelas traças no fundo do armário*
- *Conto 62: A página em branco no final da caderneta de couro*
- *Conto 63: O último suspiro da engrenagem antes do silêncio definitivo*

PÓS-FÁCIO.....Pg. 141

*“O tempo não se mede pelos passos que avançam,
mas pela insistência da engrenagem que, após sete
giros completos, retorna exatamente ao mesmo
abismo.”*

— Anônimo

PARTE I: Monólogos da Névoa Estagnada

Conto 1: O crepúsculo na vila

O crepúsculo não chegava como um corte suave, mas como uma mancha de óleo que se espalhava lentamente sobre os telhados de zinco da vila, apagando os contornos das chaminés e transformando os raros pedestres em silhuetas indistinguíveis, quase espectros que caminhavam sem direção pelas calçadas úmidas, enquanto o homem na janela do andar de cima observava aquela degradação diária da luz com uma paciência que se confundia com a própria morte do dia, pensando que ontem havia sido exatamente igual e que amanhã a névoa voltaria a subir do rio com o mesmo cheiro de ferro e lodo, de modo que não fazia sentido fechar as cortinas ou acender a lâmpada de querosene, pois a escuridão que vinha de fora era a mesma que já habitava os cantos da sala vazia, onde os móveis cobertos de

poeira pareciam esperar por visitas que nunca chegariam, e ele continuava ali, com os dedos colados ao vidro frio, ouvindo o tique-taque do relógio de parede que parecia insistir numa contagem regressiva para lugar nenhum, uma repetição mecânica e estúpida que apenas confirmava que o tempo não avança, mas apenas se acumula como terra sobre os caixões, esmagando qualquer tentativa de fuga ou de recomeço sob o peso insuportável de uma noite que, afinal, já havia vencido antes mesmo de começar.

Conto 2: A repetição dos passos na estrada de ferro

Caminhar sobre os dormentes de madeira carcomida exigia dele uma precisão quase matemática, um cálculo exato entre a largura de suas passadas e a distância irregular das vigas que sustentavam aqueles trilhos de ferro oxidante, trilhos que pareciam rasgar a planície sem nunca alcançar o horizonte enevoado, de modo que cada passo dado naquela linha deserta era apenas a repetição exaustiva e inútil do passo anterior, uma marcha solitária onde o barulho de suas botas contra as pedras de brita quebrava o silêncio pesado da tarde que morria, sem que houvesse qualquer garantia de que a próxima estação ainda estivesse de pé ou que o próprio trem, cuja fumaça negra ele não via há

anos, voltasse a cruzar aquela região esquecida pelos mapas oficiais, restando-lhe apenas o exercício hipnótico de olhar para baixo, contando mentalmente cada obstáculo superado na tentativa de silenciar a voz interna que insistia em lhe dizer que andar em círculos ou seguir em linha reta naquela geografia dava exatamente no mesmo lugar, pois o fim da ferrovia era apenas um conceito abstrato inventado por quem nunca teve que carregar o peso do próprio corpo através de uma geada que começava a cobrir o metal frio com uma película branca e cortante, transformando o caminho num labirinto retilíneo de onde ninguém jamais conseguira escapar.

*Conto 3: A rotina do homem que conta os grãos
de café*

Ele espalhava os grãos escuros sobre a mesa de madeira rústica todas as manhãs com a mesma devoção meticulosa de um monge que organiza relíquias sagradas, separando cada unidade com a ponta dos dedos trêmulos para certificar-se de que o destino do dia permaneceria sob o controle estrito de sua própria contagem, um exercício monótono que começava invariavelmente no número um e avançava em silêncio pela penumbra da cozinha enquanto o café esquentava na velha chaleira de ferro, pois ele acreditava que se permitisse qualquer distração ou se pulasse uma única fração daquela aritmética miúda todo o universo ao redor desabaria numa desordem avassaladora, de modo que os pequenos grãos torrados eram a única

*barreira física entre a sua sanidade e o caos que
roncava do lado de fora das paredes de gesso
úmido, onde o vento do norte continuava a açoitar
os galhos secos das macieiras mortas, fazendo com
que ele se concentrasse ainda mais no brilho oleoso
daquela colheita antiga, ignorando as batidas
discretas na porta da frente e a poeira que se
acumulava nos cantos do assoalho, certo de que a
eternidade não era um conceito vasto ou abstrato
reservado aos filósofos, mas apenas a soma exata de
sessenta e três repetições diárias feitas no escuro de
uma casa que o tempo esqueceu de demolir.*

*Conto 4: A chuva que não cessa sobre o
campanário mudo*

*A água descia em fios cinzentos e pesados pelas
paredes de pedra do templo antigo, infiltrando-se
nas rachaduras do cimento e lavando a fuligem
acumulada nas telhas de ardósia há gerações,
enquanto o velho sino de bronze permanecia
imóvel no topo da torre, travado por uma
ferrugem verde e espessa que parecia ter engolido o
próprio som do bronze para sempre, de modo que os
golpes do vento contra a estrutura não produziam
eco algum, apenas um ruído surdo e molhado que
se misturava ao bater constante das gotas nas poças
da praça deserta abaixo, onde ninguém ousava
cruzar o pátio lamacento sob aquele céu de chumbo
perpétuo que parecia ter se instalado
definitivamente sobre a região, sufocando os dias*

numa penumbra cinzenta onde o amanhecer e o anoitecer tornavam-se indistinguíveis e os poucos moradores da vila aceitavam aquela umidade crônica como uma sentença irrevogável, sabendo que as orações haviam cessado quando o campanário emudeceu e que a chuva não vinha para limpar ou renovar a terra castigada, mas apenas para cumprir a tarefa mecânica de apodrecer as madeiras das casas, apagar os nomes nas lápides do cemitério vizinho e afogar qualquer memória de um tempo em que o sol ainda era capaz de rasgar a barreira opaca daquelas nuvens perenes.

*Conto 5: O relógio sem ponteiros na parede da
taverna*

O disco de madeira esbranquiçada pelo tempo permanecia fixado acima do balcão de zinco como um olho cego que vigiava os poucos clientes silenciosos, exibindo apenas os números romanos desgastados pelo hálito úmido da aguardente e da fumaça dos cachimbos, já que os ponteiros de ferro haviam sido arrancados dali em um inverno remoto de escassez que ninguém mais sabia datar com precisão, de modo que aquele mostrador vazio funcionava como uma garantia tácita de que, dentro daquela taverna de teto baixo e assoalho grudento, as regras do mundo exterior não tinham validade alguma e as horas não podiam cobrar o seu tributo de envelhecimento sobre os homens que ali se refugiavam, homens que bebiam em copos de

vidro grosso olhando fixamente para a parede sem nunca perguntar se lá fora o sol já havia se deitado ou se a geada começava a congelar a tranca da porta, pois a ausência daquelas duas hastes metálicas libertava a todos da angústia do amanhã, transformando o estabelecimento num limbo morno onde o tempo havia sido domesticado pela imobilidade e onde cada gole amargo servia apenas para prolongar uma quarta-feira infinita, restando-lhes apenas escutar o vento que sacudia a tabuleta de madeira na rua deserta.

*Conto 6: O diálogo interno que se perde no vento
do norte*

As palavras que ele formulava mentalmente não chegavam a encontrar o caminho da garganta, restando apenas como um sussurro abafado que colidia contra os seus próprios dentes antes de serem arrancadas de seus lábios pela violência daquela lufada gélida que descia das montanhas, um sopro contínuo e impiedoso que parecia carregar consigo não apenas as folhas secas e a poeira das calçadas, mas a própria substância de suas memórias mais antigas, de modo que cada tentativa de organizar um pensamento coerente sobre o motivo de ainda estar parado naquela esquina deserta era imediatamente dispersada pelo uivo cinzento que dominava o vale, transformando seu monólogo numa colcha de retalhos de frases truncadas e

conceitos sem nexo que sumiam no ar antes mesmo de fazerem sentido, como se o inverno exigisse dele não apenas o recolhimento do corpo, mas a aniquilação completa de qualquer identidade verbal, restando-lhe apenas aceitar que ali, sob o domínio daquela correnteza invisível, pensar era um esforço inútil e que sua mente, outrora cheia de nomes e datas precisas, estava se tornando tão vazia e impessoal quanto a planície de pedra que se estendia além das últimas casas da vila.

*Conto 7: A névoa que invade a sala pelas frestas
do assoalho*

O vapor cinzento não pedia licença nem forçava os trincos de ferro da porta principal; ele simplesmente brotava debaixo, subindo em fios finos e silenciosos pelas aberturas escuras da madeira velha do assoalho, uma infiltração gasosa que trazia consigo o cheiro de terra molhada e de raízes podres do pântano vizinho, de modo que em poucos minutos os pés da mesa de jantar e as pernas da cadeira de balanço pareciam flutuar sobre um tapete de fumaça fria que subia lentamente em direção ao teto de gesso, apagando os contornos familiares do mobiliário e cobrindo os tapetes desbotados com uma umidade persistente que penetrava no tecido e nos ossos do homem que permanecia sentado no canto mais escuro do

*aposento, observando como aquela bruma
persistente engolia os cantos da sala e
transformava a atmosfera num aquário opaco
onde os objetos perdiam a sua utilidade original
para se tornarem apenas vultos misteriosos,
enquanto ele compreendia que o isolamento da
casa já não dependia das paredes de alvenaria ou
das janelas fechadas, pois o próprio mundo
exterior havia decidido invadir o seu último
refúgio doméstico, forçando-o a respirar aquele ar
denso que trazia o inverno para dentro de seus
pulmões e o condenava à imobilidade.*

*Conto 8: A insistence mecânica de uma
engrenagem velha*

*O rangido metálico vinha do porão da velha
fábrica de tecidos desativada, um som rítmico,
áspero e insistente que sobrevivia ao abandono das
instalações e ao sumiço dos operários, como se
aquela roda denteada de ferro fundido, tomada
pela ferrugem avermelhada e pela graxa ressecada
pelo tempo, possuísse uma teimosia biológica que a
obrigava a continuar girando em falso na
escuridão úmida, movida por alguma força
invisível ou pelo próprio peso de sua inércia secular,
de modo que o impacto mecânico de dente contra
dente reverberava através das vigas de sustentação
do prédio e subia até a calçada da rua deserta,
onde o homem parado escutava aquela pulsação
industrial e sentia o chão tremer levemente sob as*

solas de suas botas velhas, pensando que aquela máquina cega e sem propósito era o espelho exato de sua própria rotina diária na vila, um movimento contínuo que não produzia riqueza nem sentido, apenas o desgaste inevitável do material e o consumo lento das horas na penumbra, restando-lhe apenas acompanhar com a cabeça o compasso daquela engrenagem decadente que se recusava a parar, certa de que o repouso absoluto significaria o colapso definitivo de todo o vale que ainda teimava em vibrar naquela mesma frequência cinzenta e esquecida.

*Conto 9: O último vislumbre da luz antes do
blecaute total*

O filamento de tungstênio no interior da lâmpada pendurada no teto da cozinha soltou um estalo seco e sibilante, emitindo uma última pulsação de luz avermelhada e violenta que projetou, de forma distorcida e efêmera contra a parede de reboco descascado, a sombra agigantada do homem que permanecia sentado à mesa com os braços cruzados, uma imagem espectral que durou apenas a fração de um segundo antes de se dissolver por completo no vazio do aposento, quando o metal finalmente cedeu ao cansaço dos anos e a escuridão absoluta reivindicou cada centímetro daquela casa isolada na periferia da vila, de modo que ele não conseguiu sequer terminar de recolher os restos da janta ou localizar o palito de fósforo que sabia

estar guardado em algum lugar perto do fogão a lenha, restando-lhe apenas a imobilidade forçada naquela poltrona cujo tecido cheirava a mofo e a tempo guardado, ouvindo o silêncio denso que se instalava após o blecaute e compreendendo que aquele apagão não era um acidente elétrico passageiro, mas a conclusão natural de um processo de apagamento que começara muito antes com a névoa, um fechar de cortinas definitivo que encerrava o primeiro ciclo da noite e o deixava perfeitamente cego no centro de um mundo que havia desistido de acender o dia outra vez.

PARTE I: Monólogos da Névoa Estagnada

Conto 10: A cicatriz no joelho

A marca esbranquiçada e ligeiramente saliente no meu joelho esquerdo não é apenas um registro de pele repuxada; é a cartografia exata daquele verão de desespero na periferia ferroviária, quando os dias eram medidos pelo calor sufocante e pela rigidez das mãos de minha mãe, que descascava batatas na cozinha com uma fúria silenciosa, como se o corte da lâmina fosse a única resposta possível à miséria do vilarejo. Naquela mesa de fórmica lascada, as conversas nunca orbitavam o futuro, mas sim o preço do querosene para as lamparinas e o barulho dos passos pesados no andar de cima. O corpo guarda essas miudezas violentas como um diário secreto de humilhações domésticas. Anos depois, diante do espelho do banheiro daquele hotel estrangeiro de luxo, encarei

minhas próprias clavículas e enxerguei nelas a mesma fragilidade óssea das mulheres da minha linhagem, costureiras que perderam a visão sob a luz fraca de lâmpadas baratas. A memória não funciona como um álbum de fotografias bonitas para serem mostradas nas salas de visita; ela opera como um hematoma antigo que volta a doer nos dias mais frios do ano, um eco persistente de pratos quebrados e de portas trancadas por fora que continua ressoando no peito, mesmo quando o presente tenta fingir que tudo aquilo foi esquecido na poeira da estrada de ferro.

*Conto 11: O telefone que não toca no
apartamento*

Eu media a passagem do tempo pela distância exata entre as ligações dele, uma matemática cruel que transformava os dias úteis em um deserto de expectativas inúteis diante do aparelho mudo sobre a mesa de centro. Quando o telefone finalmente tocava, meu corpo inteiro reagia antes mesmo que o pensamento pudesse organizar qualquer defesa; era uma rendição voluntária e humilhante a um homem que conhecia com precisão o tamanho do poder que exercia sobre a minha rotina. No apartamento de teto baixo, o cheiro do cigarro dele permanecia impregnado nos lençóis por dias a fio, funcionando como uma assinatura invisível de propriedade que eu me recusava a lavar. Escrever sobre aquela época, anos depois, é expor a nudez de

quem aceitou o confinamento doméstico em troca de alguns minutos de uma urgência carnal que mimetizava o afeto. Eu compreendia, com a clareza fria que apenas o distanciamento da memória traz, que aquela paixão operava como um contrato assimétrico, onde ele entrava com a condescendência do visitante e eu com a totalidade da minha existência. Na cama desfeita, sob a luz fraca da avenida que entrava pela veneziana, eu observava suas costas se afastarem sabendo que a maior tragédia da dominação não é o sofrimento imposto, mas a nossa cumplicidade em manter o cativo inteiro intacto.

*Conto 12: O cheiro do querosene e as mãos da
mãe*

O odor acre do combustível flutuava pela cozinha antes mesmo do amanhecer, impregnando as cortinas de chita e a pele áspera de minha mãe, cujos dedos exibiam rachaduras profundas que o hidratante barato de farmácia jamais seria capaz de curar. Lembro-me de observá-la acender o fogão com movimentos mecânicos e desprovidos de qualquer delicadeza, uma coreografia diária de sobrevivência onde cada gesto repetido exalava o cansaço acumulado de uma vida inteira gasta entre o tanque de lavar roupas e a tábua de passar. Suas mãos, que nunca conheciam o repouso ou o toque do afeto, carregavam o peso invisível de uma dominação silenciosa exercida pela escassez e pela rotina opressiva do lar, transformando o ato de

preparar a refeição numa espécie de batalha travada contra o tempo e contra a falta de recursos. Não havia espaço para lamentações naquele espaço exíguo; o barulho das panelas e o estalo da lenha úmida funcionavam como a única trilha sonora permitida para aquela mulher que havia esquecido o próprio nome para se tornar apenas a força motriz que mantinha a engrenagem familiar funcionando na penumbra, restando-me carregar até hoje, no fundo da minha garganta, aquele mesmo gosto amargo de querosene queimado misturado ao silêncio.

Conto 13: A mesa de fórmica lascada como altar doméstico

O tampo cinzento e arranhado, com as bordas de plástico preto descoladas pela umidade dos panos de prato, era o verdadeiro centro de gravidade da nossa existência familiar. Ao redor daquela fórmica lascada, nós nos distribuíamos todas as noites seguindo uma hierarquia rígida e inquestionável, onde o lugar da cabeceira pertencia ao silêncio impositivo do meu pai e as pontas ficavam reservadas para as nossas pequenas concessões diárias. Ali, o alimento nunca era servido como uma celebração, mas como uma partilha tensa sob a luz crua da lâmpada fluorescente que zumbia no teto, um ritual onde o barulho dos talheres batendo no prato de duralex parecia o único som permitido na sala. A mesa

funcionava como um altar secular onde sacrificávamos nossos desejos de fuga em nome de uma convivência forçada pela falta de espaço e de dinheiro. Eu observava o padrão de veios falsos daquele plástico imitando granito e compreendia, mesmo sem saber nomear, que a dominação não precisa de correntes para se fazer notar; ela se alimenta do cotidiano, instala-se na disposição das cadeiras e na repetição mecânica de passar o sal sem olhar nos olhos de quem está sentado ao seu lado, fixando na nossa carne o hábito da submissão.

*Conto 14: A costureira que perde a visão sob a
lâmpada fraca*

O barulho rítmico do pedal da máquina de costura Singer ditava o compasso dos finais de tarde na sala apertada, onde os tecidos pesados de brim e lã se acumulavam sobre as pernas de minha tia como fardos de uma condenação interminável. Sob a claridade amarelada e trêmula de uma lâmpada suspensa por um fio desencapado, ela forçava os olhos cansados para guiar a agulha milimétrica pelos vincos das bainhas, um esforço contínuo que esvaziava sua retina de cores para preenché-la apenas com uma névoa leitosa e persistente. Eu a observava trocar as bobinas com dedos calejados e compreendia a violência daquele ofício que cobrava o preço da própria lucidez visual em troca de salários

miseráveis pagos por confecções do centro. Não havia heroísmo naquela cegueira progressiva; era apenas a engrenagem do trabalho doméstico triturando o corpo de uma mulher que não tinha o direito de parar enquanto houvesse encomendas na gaveta. Quando o sol se punha, ela estregava as pálpebras com as costas das mãos e encarava o vazio com uma resignação assustadora, ciente de que a escuridão que avançava sobre seus olhos não vinha da noite na rua, mas daquela luz fraca que, gota a gota, havia bebido toda a sua capacidade de enxergar o mundo.

*Conto 15: O hematoma que reage à queda da
temperatura*

A pele acima do meu tornozelo direito mudava de tonalidade sempre que o vento do sul trazia o primeiro aviso de geada na madrugada, um tom arroxeado e fosco que surgia sob o tecido da meia sem que nenhuma pancada recente justificasse aquela erupção de sangue pisado. O corpo guarda um calendário próprio de injúrias antigas, uma contabilidade subcutânea que ignora o esquecimento da mente e escolhe o rigor do inverno para reabrir os registros de quedas e colisões que a infância preferia silenciar. Eu passava as pontas dos dedos sobre aquela mancha fria e áspera, sentindo uma físgada profunda que parecia ecoar o barulho do tombo nos degraus de concreto da lavanderia coletiva, um dia cinzento em que

ninguém veio me socorrer porque os adultos estavam ocupados demais sobrevivendo à jornada da fábrica. Essa marca não é uma lembrança afetiva; é a prova física de que a matéria não perdoa o descaso e de que o sofrimento doméstico se instala nos ossos e nos vasos capilares como um inquilino permanente que acorda nos dias de frio intenso, lembrando-me de que somos feitos daquilo que nos feriu e de que a pele é apenas uma fronteira frágil que tenta disfarçar a ruína interna.

*Conto 16: O prato quebrado na cozinha que
ninguém limpa*

Os estilhaços de louça branca com bordas floridas permaneceram espalhados pelo chão de lajotas escuras da cozinha por semanas a fio, sem que nenhuma das mãos que habitavam aquela casa se dispusesse a empunhar a vassoura para recolher os restos daquele desastre doméstico. O prato havia caído durante uma discussão abafada na madrugada, um estrondo seco que cortou o silêncio da vizinhança e fixou no piso um monumento definitivo à nossa incapacidade de dialogar. Desviar daqueles pedaços pontiagudos a caminho da geladeira ou do fogão tornou-se uma coreografia silenciosa e diária de convivência com a ruína, um exercício de conformismo onde cada morador fingia ignorar a presença do gesso

partido para não ter que admitir a profundidade da fratura que nos dividia. A sujeira e a poeira acumularam-se nos contornos da cerâmica lascada, integrando o objeto quebrado à paisagem ordinária do lar, como se o cativoiro de nossa rotina exigisse que mantivéssemos aquela ferida exposta e intocada sobre o assoalho. Olhar para aquele chão era compreender que a dominação e o abandono não começam com grandes gestos trágicos, mas com a recusa deliberada de limpar as pequenas sujeiras que o desamor deixa cair na rotina da família.

*Conto 17: A contabilidade fria das humilhações
diárias*

Eu registrava mentalmente cada desfeita miúda com a precisão de um escrivão que anota dívidas que jamais serão pagas, uma contabilidade obscura que transformava os dias de trabalho na repartição em um inventário de pequenos golpes contra a minha dignidade. O tom condescendente do chefe ao corrigir um relatório, o riso abafado dos colegas no corredor de entrada e o gesto indiferente do funcionário da limpeza que ignorava a minha presença na mesa de trabalho eram arquivados na minha carne com o mesmo peso de uma agressão física. O corpo aprende a encolher-se para ocupar o menor espaço possível em salas onde a nossa voz não tem importância, uma técnica de sobrevivência que mimetiza a

imobilidade dos insetos diante do predador. Eu sabia que tolerar aquela opressão burocrática em troca de um salário fixo ao final do mês era uma forma consentida de cativeiro, mas a rotina não nos deixa margem para grandes gestos de rebeldia. Na saída do expediente, enquanto esperava o ônibus na calçada esburacada sob a chuva fina, eu repassava a lista de agressões acumuladas no dia e compreendia que a maior violência da dominação social não é o estrondo do chicote, mas o silêncio resignado com que aceitamos a nossa própria diminuição diante do espelho do mundo.

Conto 18: O espelho do banheiro que devolve o envelhecimento

A superfície de vidro ordinária, salpicada por manchas escuras de oxidação nas bordas devido à umidade crônica do chuveiro, não oferecia qualquer distorção ou filtro de indulgência; ela devolvia o meu próprio rosto com uma lucidez cirúrgica que a luz branca da lâmpada fluorescente tornava ainda mais violenta nas primeiras horas da manhã. Encarar as pequenas rugas que começavam a se fixar ao redor dos meus olhos e o vinco definitivo entre as sobrancelhas era fazer o balanço exato de uma existência gasta na engrenagem dos pequenos sacrifícios diários, uma contagem corporal de anos consumidos por rotinas que eu nunca escolhi de verdade. O espelho operava como um tabelião implacável da carne,

registrando a decadência da juventude e a herança física da minha mãe que se manifestava agora na flacidez do meu pescoço e na rigidez do meu olhar. Naquele banheiro estreito com cheiro de sabonete barato e desinfetante de pinho, eu compreendia que o envelhecimento não é um processo abstrato que acontece nos calendários da parede, mas a marca material da submissão do corpo ao tempo e às obrigações do mundo, restando-me apenas escovar os dentes com pressa para não ter que passar mais nenhum minuto diante daquela moldura que insistia em me lembrar de quem eu havia me tornado.

PARTE III:
[Bloco Zero: Geografias de Ninguém]

*Conto 19: O passaporte carimbado com tinta
borrada*

*O pequeno caderno de capa azul e bordas
desgastadas pelo suor das mãos nas filas de
alfândega repousava sobre o balcão de zinco como
um documento de identidade que já não pertencia
a ninguém vivo. Na página central, o carimbo
oficial da imigração exibía uma mancha de tinta
roxa e borrada pela umidade do porto, um borrão
escuro que cobria justamente o nome da cidade de
origem e a data exata em que eu havia cruzado a
última fronteira legal do meu continente natal.
Olhar para aquela folha rasurada era
compreender que o exílio apaga os registros
burocráticos com a mesma velocidade com que a
geada queima as plantações de café na colina. O
funcionário do controle de passaportes nem sequer*

ergueu os olhos para encarar as minhas feições; limitou-se a estampar aquela marca definitiva que me transformava oficialmente em um estrangeiro sem coordenadas geográficas, um espectro autorizado a circular por ruas cujos nomes eu não sabia pronunciar corretamente. Naquela sala fria com cheiro de desinfetante industrial e fumaça de tabaco barato, o documento tornou-se uma herança inútil de uma pátria que havia deixado de existir na poeira da estrada de ferro, restando-me apenas guardar o papel no bolso interno do casaco e aceitar o meu novo papel como um cidadão de lugar nenhum.

*Conto 20: A mala que carrega apenas terra do
país natal*

O baú de couro rachado e fechos de latão enferrujados ocupava o centro do quarto de pensão como um caixão que guardasse o cadáver de um passado irrecuperável. No interior daquela bagagem pesada, que eu havia carregado por três navios e duas conexões ferroviárias na calada da noite, não havia mudas de roupas limpas, casacos grossos para enfrentar o inverno estrangeiro ou retratos emoldurados dos parentes que ficaram para trás; havia apenas um saco de estopa rústica perfeitamente amarrado com corda de sisal, contendo dois quilos da terra escura e argilosa colhida no quintal da minha antiga casa antes do incêndio. Abrir aquela mala na solidão do exílio era o meu único ritual de pertencimento em uma

*cidade que me rejeitava a cada esquina deserta,
um exercício mórbido de enterrar os dedos naquele
solo seco que já começava a perder o cheiro original
de chuva e de jasmims para assumir o odor de mofo
daquele quarto alugado. Eu sabia que aquela
porção de poeira era uma bagagem inútil que não
servia para pagar o aluguel ou preencher o vazio
da minha língua materna, mas aquele punhado
de chão era a única prova material de que o meu
país não tinha sido apenas um sonho inventado
pela névoa da viagem.*

*Conto 21: A língua estrangeira que soa como
vidro quebrado*

*Os fonemas ásperos emitidos pelos passantes na
plataforma da estação de trens colidiam contra os
meus ouvidos com a violência de estilhaços de
garrafas arremessadas ao chão, uma sequência de
sons cortantes e desprovidos de qualquer melodia
familiar que me lembrava, a cada segundo, da
minha condição de intruso naquela metrópole
cinzenta. Tentar decifrar os avisos nos alto-
falantes ou as placas de sinalização escritas em
uma caligrafia pontiaguda era um esforço
exaustivo que terminava sempre em dor de cabeça
e num sentimento profundo de isolamento social,
pois cada palavra pronunciada pelos nativos
parecia projetada para erguer uma muralha
invisível entre a minha herança e o presente. Na*

fila do mercado ou no balcão da padaria, a minha voz falhava antes mesmo de conseguir articular as sílabas básicas daquele idioma hostil, forçando-me a recorrer a gestos desajeitados com as mãos que apenas aumentavam a condescendência e a desconfiança dos funcionários locais. Eu me recolhia ao silêncio como quem se protege de uma tempestade de granizo, compreendendo que perder a pátria significa, antes de tudo, perder o direito de ser compreendido pelos outros, restando-me apenas habitar o eco mudo da minha própria língua materna enquanto o barulho daquela fala estrangeira continuava a estraçalhar os meus pensamentos na calçada úmida.

*Conto 22: O cais do porto onde os navios não têm
nome*

*A linha d'água fundia-se com o céu de chumbo
numa barreira opaca que eliminava qualquer
noção de profundidade ou distância,
transformando aquela baía industrial num
imenso deserto de água escura por onde as
embarcações surgiam e desapareciam sem deixar
rastro algum na superfície. No cais de concreto
esburacado, as grandes carcaças de ferro dos
cargueiros ancoravam sob o silêncio da
madrugada, exibindo cascos cobertos de cracas e
ferrugem que haviam apagado completamente as
inscrições originais de suas proas, de modo que
ninguém na plataforma de desembarque
conseguia identificar de qual continente vinham
ou qual bandeira haviam hasteado antes que a*

névoa litorânea engolisse os mastros. Os marinheiros que desciam pelas rampa de corda não conversavam com os carregadores locais; limitavam-se a descarregar caixas de madeira sem etiquetas na calçada úmida, agindo com a indiferença mecânica de fantasmas que cumprem uma rota comercial esquecida pelos mapas modernos. Ficar parado ali, com o casaco molhado pela maresia espessa, era testemunhar a aniquilação de todas as origens possíveis, um não-lugar onde os navios perdiam a pátria e os viajantes aceitavam que o mar da viagem havia apagado para sempre o nome do lugar para onde um dia desejaram retornar.

*Conto 23: A fotografia em preto e branco que
começou a amarelar*

O retângulo de papel fotográfico com as bordas serrilhadas e gastas pelo manuseio constante no escuro do quarto de pensão já não oferecia a nitidez de outrora; uma mancha ácida e amarelada avançava implacável a partir dos cantos da imagem, como uma ferrugem orgânica que subia pela composição para apagar as feições das três pessoas paradas diante do portão de ferro da antiga propriedade familiar. Olhar para aquela película esmaecida era testemunhar o segundo exílio de quem perde as referências visuais do próprio passado, uma degradação química que transformava os rostos dos meus irmãos em vultos anônimos e sem expressão, cujos sorrisos pareciam agora capturados por uma névoa idêntica à que

cobria as manhãs deste porto estrangeiro. A prata do papel reagia ao hálito úmido da cidade, consumindo os detalhes das roupas e a linha do horizonte da pátria, como se o tempo insistisse em me punir por ter sobrevivido à travessia do oceano enquanto a casa desabava na poeira da guerra. Eu sabia que em poucos invernos restaria apenas um cartão cinza e sem sentido nas minhas mãos trêmulas, uma herança em branco que não serviria para provar a ninguém que aquelas pessoas haviam existido fora da minha própria insistência em lembrar.

*Conto 24: A pensão barata com cheiro de mofo e
repolho cozido*

O corredor estreito do casarão decadente exalava uma mistura sufocante de umidade acumulada nas paredes de gesso e do vapor denso da panela que fervia na cozinha comunitária do térreo, um odor crônico de vegetais cozidos que parecia se impregnar na lã do meu casaco e na textura das cobertas ásperas da cama de solteiro. Naquele alojamento de trânsito para imigrantes sem papéis, os rangidos do assoalho revelavam a circulação silenciosa de homens que, como eu, evitavam cruzar os olhares nas áreas comuns para não terem que compartilhar o inventário de suas perdas ou explicar o motivo de estarem ali, escondidos sob a penumbra de um teto que ameaçava desabar a cada tempestade de inverno.

O quarto alugado funcionava como uma cela temporária onde a única mobília era uma cômoda de pinho com as gavetas emperradas e um crucifixo de plástico pendurado acima da cabeceira, objetos impessoais que acentuavam a falta de pertencimento e a certeza de que éramos apenas inquilinos descartáveis na periferia daquela grande cidade estrangeira. Olhar para a mancha de infiltração que desenhava mapas abstratos no teto era aceitar que o exílio destitui o indivíduo de sua dignidade material, reduzindo a nossa existência à busca diária por um prato morno e um canto escuro onde possamos fingir que o amanhã ainda nos pertence.

*Conto 25: O bilhete escrito num idioma que o
destinatário esqueceu*

O pedaço de papel amarelado e dobrado em quatro partes permaneceu guardado na gaveta de baixo da cômoda por tantos invernos que a própria dobra começou a se rasgar, revelando as linhas tênues de uma caligrafia inclinada e elegante que outrora me despertaria uma urgência febril no peito. No entanto, ao correr os olhos por aquelas curvas e traços familiares que cruzaram o oceano dentro de um envelope selado na capital do meu país natal, percebi com uma pontada fria de espanto que os caracteres já não faziam sentido para a minha mente moldada pela dureza do novo idioma, como se os anos passados naquelas ruas enevoadas tivessem operado uma cirurgia silenciosa na minha memória linguística,

apagando os significados das palavras de afeto que minha mãe ou minha irmã haviam registrado naquela folha de caderno. Tentar soletrar aquelas frases era como decifrar inscrições antigas gravadas nas pedras de um templo em ruínas; eu reconhecia a música da fala ancestral, mas a mensagem exata permanecia trancada em um passado que eu já não tinha permissão para habitar, restando-me apenas encarar aquela tinta desbotada e aceitar que o verdadeiro exílio não é apenas a perda do solo onde nascemos, mas o esquecimento definitivo do código que nos ligava a quem nos amou.

*Conto 26: A fronteira invisível marcada por
arame farpado e geada*

O limite entre os dois territórios não era anunciado por grandes monumentos de pedra ou guaritas militares imponentes na crista da colina deserta; ele se materializava apenas na presença discreta de uma linha de postes de madeira bruta cruzando a planície, sustentando fios de arame farpado cujas pontas de aço estavam cobertas por uma camada de geada cristalina que brilhava sob a luz pálida do amanhecer. Ficar parado a poucos metros daquela barreira linear era compreender a fragilidade geométrica que separava a minha vida anterior da incerteza do presente, um espaço de poucos centímetros onde as leis mudavam de nome, as moedas perdiam o valor e a minha própria existência passava a ser considerada um

erro administrativo pelas autoridades do lado de lá. O vento que soprava do norte trazia partículas de gelo que colidiam contra a estrutura metálica, produzindo um zumbido agudo e metálico que parecia o único som permitido naquela terra de ninguém onde os pássaros evitavam pousar devido ao frio extremo. Eu observava a paisagem idêntica que se estendia dos dois lados da cerca e aceitava a ironia de que a humanidade inventa barreiras invisíveis para fatiar o mundo, fixando na nossa carne a certeza de que cruzar aquela linha significava morrer para uma pátria sem a garantia de nascer em outra.

*Conto 27: O homem que esqueceu o próprio
sobrenome na alfândega*

Diante do balcão de fórmica escura da imigração, sob o zumbido irritante da lâmpada fluorescente que piscava na sala sem janelas, ele permaneceu imóvel enquanto o oficial fardado repetia a pergunta pela terceira vez, batendo com a ponta de uma caneta esferográfica no formulário em branco onde deveria constar a sua linhagem. O som das sílabas que outrora carregavam a história de seus antepassados, fazendeiros e tecelões que haviam cultivado o vale verdejante antes da guerra, desfez-se no ar como fumaça de cigarro, deixando em sua mente apenas um espaço vazio e enevoado onde nenhum nome conseguia se fixar com firmeza. Naquele instante de silêncio burocrático, ele compreendeu que a travessia do

*oceano e as noites passadas no porão do cargueiro
havam cobrado o tributo mais alto de todos: a
dissolução de sua última herança familiar em
troca do direito de pisar naquele solo estrangeiro.
Ao ser empurrado para a rua de paralelepípedos
molhados com um papel timbrado que exibia
apenas um número de registro provisório, ele
encarou as silhuetas dos pedestres na névoa e
aceitou que o [Bloco Zero] havia cumprido sua
função implacável, reduzindo-o a um homem sem
passado, um espectro anônimo que começava o seu
novo ciclo de existência exatamente do nada.*

PARTE IV: Baladas para Despistar o Tempo

*Conto 28: O violão desafinado no canto do
quarto escuro*

O instrumento repousava contra a parede descascada como uma carcaça de madeira esquecida após a última tempestade de outono, exibindo cordas de aço oxidadas que há muito haviam perdido a tensão e o brilho. Tocar naquelas linhas metálicas com as pontas dos dedos calejados não produzia um acorde limpo ou uma melodia capaz de confortar a solidão do aposento; gerava apenas um gemido surdo, arranhado e dissonante que parecia ecoar o colapso das velhas ilusões que outrora alimentavam as canções de estrada. O tampo de pinho exibia os arranhões do tempo e as marcas de cinzas de cigarro, cicatrizes materiais de noites gastas em tavernas barulhentas cujos nomes o vento já havia soprado

para longe das estradas de terra. Na penumbra do quarto, o violão funcionava como um relógio que parou no meio de uma estrofe inacabada, uma balada interrompida pelo rigor de um inverno que chegou cedo demais para congelar os dedos e emudecer as vozes. Eu observava a poeira que dançava no raio de sol crepuscular sobre a boca escura da caixa de ressonância e aceitava que algumas músicas simplesmente não devem ser terminadas, restando apenas o silêncio que se acumula nas cordas desafinadas como o único testamento de uma canção que se perdeu na colina deserta.

Conto 29: A poeira que dança no raio de sol da tarde

O feixe de luz amarelada cruzava a penumbra da sala como uma linha de ouro estendida entre a veneziana quebrada e o assoalho de madeira, revelando em seu trajeto um universo microscópico de partículas suspensas que subiam e desciam num movimento circular e hipnótico, perfeitamente alheias ao silêncio opressivo que dominava o resto da casa vazia. Observar aquela coreografia silenciosa de grãos flutuantes era compreender a fragilidade de tudo o que consideramos sólido, uma dança efêmera onde cada átomo de poeira parecia cumprir o compasso invisível de uma música que o ouvido humano já não conseguia captar devido ao barulho do mundo exterior. A tarde declinava sem pressa na colina e o raio de sol

movia-se lentamente pela parede, arrastando consigo aquele redemoinho dourado que parecia a única manifestação de vida em um aposento onde os móveis cobertos de lençóis brancos mimetizavam fantasmas esquecidos pelo tempo. Eu sabia que, assim que o sol se ocultasse atrás das macieiras secas do quintal, aquela engrenagem luminosa seria engolida instantaneamente pela escuridão da noite, restando apenas a certeza de que a nossa existência é tão vaga, errante e passageira quanto aquelas pequenas cinzas suspensas no ar, flutuando um instante antes que a escuridão encerre o espetáculo.

*Conto 30: A canção de ninar que a avó cantava
no inverno*

A melodia não possuía uma estrutura complexa, mas era tecida com um fio de voz trêmulo e quase sumido que parecia brotar diretamente das profundezas daquela terra congelada, uma sequência de notas repetitivas que minha avó cantarolava à beira do fogão a lenha enquanto a nevasca açoitava as vidraças da cabana com a força de um bicho faminto. As palavras da letra narravam a história de um corvo solitário que vigiava uma plantação de trigo enterrada sob o gelo, uma narrativa sombria que, em vez de assustar o sono das crianças, trazia uma calma hipnótica e resignada, como se o ritmo daquela cantiga antiga fosse o único feitiço capaz de domesticar a fúria da natureza lá fora. Décadas

*depois, ao caminhar por estradas estrangeiras
cobertas pela geada, pego-me repetindo os mesmos
fonemas sem nexos na tentativa de aquecer o peito
contra o desamparo da distância, compreendendo
que aquela música não era apenas um acalanto
para adormecer o corpo, mas uma balada de
sobrevivência projetada para atravessar gerações e
nos lembrar, nos dias mais escuros do ano, de que o
inverno é longo e implacável, mas a voz humana é
uma brasa que se recusa a apagar sob o peso do
tempo.*

*Conto 31: O corvo que pousa na cerca de
madeira podre*

O pássaro de plumagem negra e brilhante desceu do céu de chumbo sem emitir um único grasnido, pousando com precisão cirúrgica sobre a trave superior daquela paliçada decadente, cujas estacas de pinho já estavam amolecidas pelo musgo e pela umidade acumulada de sucessivos outonos. Do meu posto de observação na varanda da cabana, eu encarava aquela silhueta escura contra a imensidão cinzenta da planície, impressionado com a imobilidade absoluta do animal, que parecia fundido à própria estrutura de madeira como um monumento heráldico ao abandono daquela propriedade. O corvo não buscava alimento entre as folhas secas ou abrigo contra o vento cortante que soprava das colinas; ele limitava-se a testemunhar a degradação lenta do

*cenário com a indiferença de quem conhece o
desfecho de todas as coisas vivas que ousam habitar
a terra de ninguém. A presença daquela ave
solitária na cerca podre funcionava como um
acorde menor suspenso no ar, uma nota sombria de
uma balada folk que anunciava o triunfo
definitivo do inverno sobre os homens, restando-me
apenas aceitar o silêncio daquele olhar fixo que
parecia calcular o tempo exato que faltava para
que toda a madeira restante se transformasse em
poeira sob o gelo.*

*Conto 32: A estrada de terra que desaparece no
horizonte seco*

O rastro de poeira avermelhada estendia-se em uma linha reta e interminável através da planície castigada pela estiagem, cortando a vegetação rasteira e os arbustos secos que estalavam sob o vento quente da tarde como se fossem ossos velhos que se quebram no chão. Caminhar por aquele leito esburacado e coberto de pedregulho solto exigia um desapego absoluto de qualquer mapa ou destino final, pois a estrada parecia não conduzir a vilarejo algum, mas apenas afunilar-se progressivamente até se dissolver por completo na barreira trêmula de miragens que distorcia a linha do horizonte distante. O calor sufocante subia do solo e transformava a caminhada numa espécie de balada errante, onde o ritmo dos passos

*lentos substituí a o compasso da música e o suor que
secava na pele tornava-se o único registro material
do esforço em avançar através daquele vazio
geográfico. Eu sabia que voltar para trás era uma
impossibilidade tão grande quanto alcançar o fim
daquela rota deserta antes que a noite cobrisse o
descampado, restando-me apenas a persistência
cega de quem aceitou a estrada como sua única
pátria legítima, seguindo adiante enquanto o sol,
feito uma brasa gigante, começava a se deitar sobre
a poeira e o silêncio do horizonte.*

*Conto 33: O rastro de sangue na neve deixado
por um lobo solitário*

A sequência de pingos escarlates desenhava uma constelação descontínua e dramática sobre o tapete alvo que cobria o assoalho da floresta de pinheiros, rompendo a monotonia daquela brancura imaculada que o inverno havia estendido sobre o vale como um lençol mortuário. Seguir aquelas marcas congeladas não era o ato de um caçador em busca de pele ou carne, mas a caminhada contemplativa de quem reconhece na esteira da dor alheia o ritmo de uma balada antiga sobre a solidão e a resistência das feras. O animal ferido caminhava em linha reta, ignorando os abrigos naturais oferecidos pelas raízes das árvores caídas, deixando na superfície gélida a assinatura de sua fuga desesperada em direção ao coração da

montanha, onde o vento uivava com a força de um coro de espectros. Eu observava as bordas das pegadas que começavam a ser apagadas pela nova lufada de cristais de gelo que descia do céu cinzento, compreendendo que aquela trilha de sangue era o único testamento visível de uma existência que se desgastava no escuro, uma melodia rústica e violenta que cessaria assim que o lobo encontrasse o seu repouso definitivo ou quando a própria nevasca decidisse sepultar o rastro sob mais uma camada de silêncio e esquecimento.

*Conto 34: A fumaça do cachimbo que desenha
figuras no teto*

O vapor azulado e denso subia em espirais lentas a partir do forninho de madeira escura, espalhando pelo quarto o aroma rústico de folhas secas e mel silvestre antes de se acumular contra as vigas de pinho do teto. Na penumbra do aposento, aquelas nuvens em miniatura desenhavam formas mutáveis e caprichosas que mimetizavam os contornos das montanhas distantes, silhuetas de cavalos galopando na névoa ou os rostos borrados daquelas mulheres que haviam partido na última caravana de outono. Observar aquela escrita aérea e efêmera era uma maneira silenciosa de despistar o avanço das horas na colina, uma balada visual onde cada sopro de fumaça funcionava como um verso que se desfazia no ar antes mesmo que a

mente pudesse capturar o seu significado exato. Eu permanecia imóvel na poltrona de palha, tragando o tabaco com a paciência de quem sabe que o tempo é uma substância igualmente volátil e inalcançável, uma engrenagem que consome os dias com a mesma facilidade com que o fogo devora as fibras secas no fundo do cachimbo, restando-me apenas acompanhar o desvanecimento daquelas figuras cinzentas até que restasse apenas o cheiro de cinzas e o silêncio da noite que ocupava o teto.

*Conto 35: O vento que uiva pelas frestas da
cabana de toras*

A correnteza invisível de ar gélido pressionava as grossas paredes de madeira bruta da cabana, forçando a passagem por cada pequena fissura e fresta que o musgo seco não havia conseguido vedar completamente durante os preparativos para o outono. O som decorrente dessa invasão contínua não era um sopro comum, mas um lamento agudo e constante que parecia emitido por um coro de vozes desafinadas e esquecidas na crista da montanha, uma balada rústica que ecoava pela sala vazia e fazia tremer a chama tênue da única vela acesa sobre a mesa. Escutar aquela sinfonia hostil na escuridão era compreender o desamparo de quem escolheu a solidão da floresta como refúgio contra o barulho das cidades, pois o vento

parecia cantar justamente sobre a fragilidade das construções humanas diante da vastidão do inverno. Eu permanecia imóvel junto à lareira moribunda, deixando que o frio cortante beliscasse a minha pele enquanto acompanhava o ritmo daquela melodia sem palavras, ciente de que as toras de pinho resistiam ao impacto da tempestade, mas a minha mente já começava a ceder à insistência daquele uivo que ameaçava arrancar o telhado e dispersar os meus últimos pensamentos pelo vale congelado.

*Conto 36: O eco de uma gaita de boca na colina
deserta*

O som metálico e agudo rasgou a quietude da tarde cinzenta como uma lâmina fina que corta um tecido velho, propagando-se em ondas melancólicas através da vegetação rasteira e das pedras polidas pelo vento na crista da elevação solitária. Não havia nenhum músico visível naquela imensidão de terra seca e arbustos retorcidos; restava apenas aquela melodia errante e fragmentada que subia do vale como o lamento de um caminhante invisível, uma canção de estrada que parecia feita de sopros curtos, pausas súbitas e notas choradas que falavam sobre partidas sem retorno e promessas esquecidas na poeira. Escutar aquele sopro mecânico vibrar no espaço aberto era compreender que algumas

*músicas pertencem mais à paisagem do que aos
homens, funcionando como um hino secreto do
desamparo que unia o céu de chumbo à aspereza
daquele solo castigado. Eu permanecia imóvel na
descida da encosta, acompanhando o
desvanecimento gradual de cada acorde até que o
som se transformasse num sussurro indistinguível,
engolido pelo uivo constante do quadrante norte,
restando apenas a certeza de que a gaita havia
silenciado para que a colina pudesse retomar o seu
monólogo de pedra e gelo.*

PARTE V: [Arquivo Polifônico]

*Conto 37: O depoimento da mulher que recolhia
estilhaços de bomba*

Nós não tínhamos brinquedos de plástico ou bonecas de porcelana naquele inverno após o cerco; o nosso quintal era um campo de destroços de metal retorcido que as crianças disputavam como se fossem tesouros caídos do céu cinzento. Minha tarefa diária, antes que a geada noturna congelasse a lama das crateras, era caminhar pelas ruínas da linha ferroviária com um balde de zinco amassado, catando os pedaços de ferro ainda quentes que os bombardeios da madrugada haviam espalhado sobre o entulho das casas demolidas. Eu limpava a fuligem com a barra do meu casaco de lã roído pelas traças e separava os fragmentos pelo peso e pelo formato, aprendendo a diferenciar o metal leve dos projéteis antiaéreos do

aço pesado e cortante dos obuses que haviam silenciado o campanário da igreja. Minha mãe dizia que aquelas sobras de guerra serviam para trocar por farinha de centeio ou querosene no mercado clandestino da periferia, mas para mim aquelas lascas pontiagudas eram as únicas páginas legíveis da nossa história familiar, um diário de ferro onde cada cicatriz no metal registrava o dia exato em que o nosso mundo havia sido fatiado pelo fogo, restando-me carregar até hoje o peso daquele balde na memória.

*Conto 38: A carta interceptada pelo censor do
regime militar*

O documento exhibe o carimbo retangular em tinta vermelha e desbotada no canto superior direito do envelope, uma marca oficial que atesta a leitura prévia e a retenção definitiva daquelas três folhas de papel almaço manuscritas. Nas linhas escritas com caneta esferográfica azul, o traço grosso e negro do pincel atômico do funcionário do ministério apagou parágrafos inteiros, transformando o relato íntimo de um exilado na periferia ferroviária numa sequência de blocos escuros e impessoais de onde nenhuma queixa ou denúncia consegue escapar para o mundo exterior. Ler aquela correspondência fraturada é testemunhar o processo mecânico de aniquilação da voz individual pelo aparato do Estado, um

exercício de apagamento burocrático onde as palavras "fome", "prisão" e "esperança" foram substituídas pelo silêncio geométrico da tinta do censor. O destinatário na capital nunca chegou a receber aquelas notícias sobre o inverno rigoroso ou sobre as prisões na madrugada; o bilhete permaneceu arquivado em uma gaveta de ferro no porão do palácio governamental, transformando-se num fragmento de história mutilada que apenas confirma que a dominação também se exerce confiscando os desabafos que os homens tentam enviar pelo correio antes que o dia amanheça.

*Conto 39: O diário enterrado sob as raízes da
macieira morta*

O caderno de capa de papelão encerado e costura manual foi resgatado da terra úmida quando decidimos arrancar o tronco seco do pomar, revelando páginas compactadas pela pressão das raízes e pela infiltração da água da chuva ao longo de duas décadas de silêncio forçado. No interior daquela massa de folhas coladas pelo mofo e pelo tempo, a caligrafia a lápis de um jovem operário da antiga fábrica de tecidos sobrevivia como o único testemunho vivo dos dias que antecederam a grande greve e a subsequente ocupação militar do vale, um diário fragmentado onde as anotações sobre o preço do pão misturavam-se aos nomes dos companheiros desaparecidos nas incursões da polícia secreta

durante as madrugadas de inverno. Ler aqueles parágrafos borrados pela ação dos fungos é como escutar um sussurro vindo debaixo do chão, uma voz anônima que preferiu confiar seus medos e convicções à proteção da terra em vez de arriscar que o documento fosse confiscado pelos censores do regime na periferia. A macieira apodreceu e caiu, mas a matéria daquela memória subterrânea permaneceu intacta, funcionando agora como uma prova material de que a história dos vencidos continua pulsando em segredo sob a superfície, esperando o momento exato em que a pá rasgue o solo.

*Conto 40: O sussurro dos prisioneiros no pátio de
cimento cinzento*

*Durante a única hora de sol permitida no pátio
cercado por muros de alvenaria e arame farpado,
os homens caminhavam em círculos concêntricos
sobre a superfície áspera de concreto, mantendo as
cabeças baixas e as mãos escondidas nos bolsos dos
casacos padronizados na cor cinza. O barulho das
solas dos sapatos de borracha contra o chão
esburacado ditava uma cadência militar que os
guardas vigiavam do alto das torres, mas, sob
aquela massa de ruídos mecânicos e passos
arrastados, corria uma corrente contínua de
confidências trocadas pelo canto da boca, uma
polifonia subterrânea e clandestina onde notícias
sobre julgamentos secretos e nomes de novos detidos
cruzavam as filas sem que os vigilantes notassem o*

movimento dos lábios. Escutar aquele murmúrio coletivo era compreender que a linguagem humana encontra frestas para sobreviver mesmo nos ambientes de maior opressão e silenciamento burocrático, transformando o hálito frio da manhã num veículo para a transmissão de uma memória coletiva que o regulamento da prisão tentava aniquilar a cada chamada diária. Não havia discursos heroicos ou proclamações inflamadas naquele pátio despojado; restava apenas o exercício obstinado de partilhar o medo e a esperança em frases curtas, garantindo que o isolamento imposto pelas paredes de cimento não vencesse a nossa última necessidade de comunhão verbal antes do retorno às celas escuras.

*Conto 41: A máquina de escrever que perdeu a
letra "A"*

O tipo metálico da primeira vogal havia se quebrado durante o inverno da ocupação, deixando uma lacuna vazia no braço mecânico da velha Remington cinza que meu pai usava para redigir os relatórios clandestinos na garagem de casa. Digitar os depoimentos das testemunhas sem aquela letra essencial exigia uma ginástica mental exaustiva e violenta, uma reconfiguração forçada de toda a nossa sintaxe familiar que nos obrigava a buscar sinônimos raros para substituir palavras fundamentais como "ameaça", "pátria" ou "ausência". Cada linha batida contra a fita entintada exibía um espaço em branco, um pequeno vácuo geométrico que saltava aos olhos no papel jornal, transformando os registros dos crimes

do regime numa colcha de retalhos onde a própria falta da letra operava como uma marca indelével de censura e violência material. Aquela máquina mutilada funcionava como a voz de toda a nossa vizinhança na periferia ferroviária: uma fala fraturada, cheia de engasgos e silêncios involuntários que tentava dar conta de uma realidade brutal sem possuir as ferramentas inteiras para a comunicação. Olhar para aqueles papéis cheios de frestas brancas era compreender que a opressão não nos cala por completo de uma só vez; ela desgasta a nossa linguagem, consome os nossos fonemas e nos força a contar a história das nossas ruínas usando apenas as sobras do alfabeto que restou na mesa.

*Conto 42: O megafone que anuncia ordens que
ninguém compreende*

O aparelho de alumínio cinzento, fixado no topo do poste de iluminação central da praça da vila, emitia um chiado estático e violento todas as manhãs às sete horas, antes de despejar sobre os poucos transeuntes uma voz metálica e rouca que lia decretos oficiais em uma velocidade incompreensível. O eco das palavras batia nas paredes de pedra das casas vazias e se misturava ao barulho do vento do norte, de modo que os moradores que cruzavam o pátio lamacento em direção ao mercado ou às linhas ferroviárias escutavam apenas uma sequência de fonemas distorcidos, uma massa rítmica de sons burocráticos onde era impossível distinguir uma instrução sanitária de uma nova ordem de

recolher obrigatório. Ninguém parava para tentar decifrar aquele monólogo eletrônico que vinha de cima; as pessoas limitavam-se a acelerar os passos com as cabeças afundadas nos colarinhos dos casacos velhos, aceitando aquela poluição sonora como mais um sintoma da ocupação militar que dominava o vale. Aquele megafone barulhento funcionava como o símbolo perfeito do próprio regime burocrático: uma estrutura que falava alto demais para garantir que ninguém pudesse compreender as regras do cativeiro, transformando a comunicação do Estado num ruído abstrato cujo único objetivo real era lembrar a população da presença invisível do poder através do medo e do cansaço auditivo.

*Conto 43: O arquivo de fichas médicas cobertas
de mofo no porão*

O cheiro de papel úmido e de decomposição orgânica nos recebia logo nos primeiros degraus da escada de concreto daquele hospital psiquiátrico abandonado na periferia da vila. No centro da sala subterrânea, três fileiras de armários de ferro cinzento guardavam milhares de fichas cartográficas cujas bordas haviam sido consumidas por uma penugem esverdeada e espessa de fungos, um mofo crônico que colava os documentos uns aos outros como se tentasse sepultar de vez os diagnósticos de alienação e surtos que o regime usava para isolar os dissidentes políticos durante o inverno de mil novecentos e oitenta. Puxar aquelas gavetas emperradas era folhear um catálogo de existências apagadas pela burocracia

médica do Estado, um arquivo polifônico onde anotações clínicas frias sobre dosagens de sedativos misturavam-se a fragmentos de cartas e desabafos que os pacientes escreviam nas margens do papel antes de serem submetidos ao silêncio dos corredores escuros. Eu limpava a poeira tóxica com a ponta dos dedos trêmulos e lia os nomes apagados, ciente de que cada ficha mofada representava o túmulo de papel de uma voz que a história oficial recusou-se a registrar, restando-me apenas recolher aquelas páginas úmidas antes que a inundação do porão transformasse aquela memória trágica em lodo inaproveitável.

*Conto 44: O relato do coveiro sobre o inverno de
mil novecentos e oitenta*

A terra estava tão dura devido à geada perpétua que a picareta colidia contra o solo produzindo faíscas, como se eu estivesse tentando cavar uma vala na superfície de uma calçada de concreto ou sobre uma chapa de ferro fundido na periferia da vila. Naquele inverno de mil novecentos e oitenta, o meu trabalho no cemitério municipal deixou de seguir o ritmo biológico das mortes naturais para adotar a escala industrial dos caminhões cinzentos que estacionavam junto ao portão dos fundos na calada da noite, descarregando corpos envolvidos em sacos de lona sem etiquetas ou nomes que permitissem a identificação por parte dos parentes que vigiavam as estradas ferroviárias. O funcionário do necrotério apenas me entregava

uma prancheta de alumínio com uma numeração em sequência e ordenava que eu terminasse o sepultamento antes que o primeiro raio de sol rasgasse a névoa do vale. Eu limpava o suor frio do rosto e empurrava a terra congelada sobre aquelas valas comunitárias sem tempo para orações ou despedidas formacentes, ciente de que cada cova rasa guardava o silêncio imposto por um regime burocrático que considerava a eliminação dos opositores um mero problema de contabilidade diária, restando-me apenas o barulho do metal contra a pedra como trilha sonora.

*Conto 45: A voz anônima que gravou um
desabafo na fita cassete*

O estalo mecânico do botão de reprodução do gravador portátil de plástico cinza quebrou o silêncio do sótão antes que um chiado magnético e contínuo, semelhante ao barulho da chuva fina batendo nos telhados de zinco, passasse a preencher a sala úmida. Através daquele ruído de fundo de uma fita cassete mastigada pelo tempo, a voz trêmula de uma mulher de identidade desconhecida começou a relatar os detalhes daquela madrugada em que os caminhões do exército cercaram as casas da periferia ferroviária, um depoimento fragmentado por pausas longas e respirações arquejantes que revelavam o pavor de quem registrava a própria história na clandestinidade absoluta de um quarto trancado

por fora. Escutar aquela fita áspera era recolher os destroços acústicos de uma existência que se desgastava na solidão do isolamento político, um desabafo gravado às pressas antes que os passos pesados nos degraus de concreto da entrada anunciassem o fim da transmissão e a consequente apreensão dos arquivos familiares. A rotação da fita de poliéster marrom continuava a girar de forma mecânica entre os pequenos carretéis de acrílico até que um ruído seco e repentino interrompeu a fala no meio de uma frase inacabada, deixando no aposento escuro apenas a certeza de que a gravação havia cessado para que o silêncio forçado do regime pudesse triunfar outra vez sobre a matéria daquela memória.

PARTE VI: Constelações Ocultas sob a Pele

*Conto 46: A mulher que conseguia ouvir o
crescimento das plantas*

Ela não precisava olhar para o relógio da parede ou consultar o calendário pendurado na cozinha para saber que o inverno estava finalmente perdendo a sua força na colina; bastava-lhe deitar-se de bruços sobre o assoalho de madeira da varanda e pressionar a orelha direita contra as tábuas de pinho para escutar a sutil atividade subterrânea que despertava o vale. O som decorrente daquela primavera iminente não era um estrondo, mas um estalar microscópico e rítmico, uma sinfonia líquida de seiva forçando passagem pelas fibras dos caules e de raízes minúsculas rasgando os torrões de argila congelada na periferia do quintal. Os moradores da vila consideravam aquela sua sensibilidade

auditiva uma excentricidade inofensiva ou um sintoma de pura loucura decorrente do isolamento, mas para ela aquela polifonia vegetal funcionava como o verdadeiro pulso do mundo, uma rede de conexões invisíveis onde o destino de uma abóbora nascendo na horta estava secretamente atado à órbita das luas de outono. Ela permanecia imóvel no chão, com os olhos fechados e a mente sintonizada naquela engenharia orgânica que unia a terra ao céu, ciente de que as plantas possuíam uma linguagem silenciosa que os homens haviam esquecido de decifrar quando decidiram trancar-se em casas de concreto e cobrir as calçadas com paralelepípedos.

*Conto 47: O relógio de bolso que andava para
trás nas terças-feiras*

O objeto de prata polida e algarismos romanos gravados no mostrador de porcelana havia pertencido ao patriarca da família ferroviária, mantendo uma marcha impecável durante quase todos os dias da semana, exceto quando o calendário marcava a chegada das terças-feiras. Assim que o sol nascia na linha torta do horizonte, a engrenagem interna do relógio de bolso sofria uma mutação silenciosa e seus ponteiros de ferro passavam a girar em sentido anti-horário, uma anomalia mecânica que parecia arrastar consigo a própria atmosfera da casa vazia em direção ao passado. Observar aquela contagem regressiva não causava espanto aos moradores da vila; eles já haviam aprendido que a matéria possui caprichos

que a ciência burocrática não consegue catalogar em seus manuais oficiais, aceitando que naquelas vinte e quatro horas semanais as memórias esquecidas ganhavam o direito de reocupar as salas de visita. O tique-taque invertido funcionava como um portal sonoro onde o cheiro de café fresco de décadas passadas brotava do fogão apagado e as vozes dos parentes mortos ecoavam suavemente pelos corredores de gesso úmido, restando ao homem na poltrona apenas contemplar aquele milagre doméstico até que a meia-noite restabelecesse o fluxo comum das horas e devolvesse o lar à sua solidão ordinária.

*Conto 48: A biblioteca cujos livros mudavam de
texto durante a noite*

As pesadas estantes de madeira de jacarandá que revestiam as paredes do casarão antigo abrigavam centenas de volumes encadernados em couro, obras que durante o dia exibiam biografias enfadonhas de generais esquecidos e tratados de botânica médica perfeitamente estáticos sob a luz do sol. No entanto, assim que a penumbra da madrugada se instalava no aposento e o silêncio da vila tornava-se absoluto, uma pulsação invisível parecia correr pelas fibras daquelas páginas guardadas, operando uma reorganização silenciosa e arbitrária de todos os parágrafos impressos nas folhas de papel jornal. Entrar na biblioteca antes do amanhecer com uma vela acesa na mão era flagrar o exato instante em que as histórias se

fundiam e se reescreviam sozinhas; o relato de uma batalha ferroviária do século passado transformava-se na narrativa íntima de um amor clandestino vivido na periferia do vale, como se as palavras possuíssem uma vontade biológica de escapar do cativeiro das margens e costurar novas conexões entre os destinos humanos. O velho bibliotecário aceitava aquela mutação literária com a naturalidade de quem cuida de um jardim exótico, ciente de que os livros reais nunca permanecem iguais e de que a verdade de uma obra reside justamente na sua capacidade de mudar de pele enquanto o mundo exterior adormece no escuro.

*Conto 49: O cão de três pernas que previa a
chegada dos telegramas*

O animal de pelagem castanha e sem raça definida, que havia perdido a pata traseira esquerda sob as rodas de uma locomotiva na juventude, passava a maior parte dos dias deitado sob o balcão de zinco da taverna, perfeitamente indiferente ao barulho dos copos e às conversas dos clientes sobre o preço do querosene. No entanto, sua imobilidade ordinária sofria uma transformação inexplicável cerca de duas horas antes que o estafeta dos correios apontasse com sua bicicleta na curva da estrada de ferro; o cão erguia as orelhas pontiagudas, soltava um uivo curto direcionado ao teto de gesso e caminhava em direção à porta da frente, onde permanecia sentado na calçada úmida olhando fixamente para o horizonte

enevado. Os moradores da vila aprenderam a ler aquela coreografia canina como um presságio infalível de mudanças, uma conexão mística entre o instinto do bicho e a tinta das mensagens que viajavam dentro da bolsa de couro do mensageiro. Ninguém sabia explicar como a carne daquele animal captava a urgência das palavras de tragédia ou celebração antes mesmo que elas chegassem ao vilarejo, mas todos aceitavam que ele operava como uma antena biológica atada aos destinos da colina, restando-lhes apenas aguardar o sinal de suas patas para saber que o tempo ia mudar.

*Conto 50: O espelho que mostrava o reflexo com
dez anos de atraso*

A moldura de jacarandá entalhada com figuras de videiras sustentava um cristal oval que repousava no fundo do corredor do casarão antigo, uma peça que a família evitava encarar durante as pressas do cotidiano. Limpar a poeira daquela superfície não era um ato comum de higiene doméstica, mas um confronto direto com as leis do envelhecimento, pois o vidro não devolvia a imagem do presente; exibia, com uma nitidez perturbadora, as feições, a postura e o brilho nos olhos que o observador possuía exatamente uma década antes. Olhar para aquela profundidade espelhada era testemunhar a coexistência de dois tempos sob o mesmo teto, um milagre visual onde o homem de cabelos brancos contemplava a própria

pele lisa da juventude, enquanto o seu reflexo na tela de vidro ignorava as dores nas articulações e o cansaço acumulado nas linhas ferroviárias da periferia. A anomalia daquele objeto funcionava como uma fenda poética na linearidade dos dias, uma constelação onde o passado permanecia vivo e intocado, esperando que a matéria do corpo físico fizesse a sua travessia lenta. Ele permanecia ali parado na penumbra, dividindo o silêncio com o fantasma de si mesmo, ciente de que o espelho era a única testemunha fiel de tudo o que o tempo havia roubado de sua carne.

*Conto 51: A costura invisível que unia o destino
de dois desconhecidos*

Havia uma linha invisível, tecida com a mesma substância sutil que governa a órbita dos planetas na madrugada, que amarrava o calcanhar esquerdo da jovem costureira na periferia ferroviária aos passos errantes do tipógrafo que habitava o outro lado do vale enevoadado. Nenhum dos dois jamais havia cruzado a praça central no mesmo horário ou compartilhado o banco da taverna de teto baixo, mas a matéria de suas existências pulsava em uma frequência idêntica e complementar, de modo que cada pequeno sobressalto na rotina de um provocava uma reação imediata e inexplicável na biologia do outro. Quando ela espetava o dedo indicador na agulha milimétrica da máquina Singer, ele sentia uma

fisgada repentina na palma da mão enquanto limpava os tipos de metal no balcão de ferro; se ele sofria com uma insônia severa nas noites de geada, ela passava a madrugada em claro assistindo à fumaça do cachimbo desenhar figuras no teto. Essa costura mística operava à revelia de suas vontades burocráticas, um nó cego atado pelo destino que transformava a solidão de ambos em um monólogo compartilhado no escuro, provando que ninguém habita este mundo de forma totalmente isolada e que a nossa carne carrega as marcas de histórias que sequer sabemos que estamos ajudando a escrever.

*Conto 52: O vendedor de mapas de cidades que
nunca existiram*

O homem de casaco comprido e dedos manchados de nanquim aparecia na praça da vila sempre após as grandes tempestades de inverno, estendendo seus pergaminhos sobre o capô de um jipe velho ou pendurando-os nos galhos secos das macieiras de ninguém. Seus rolos de papel vegetal exibiam topografias minuciosas, hidrografias complexas e nomes de avenidas escritas em caligrafia gótica, embora as coordenadas geográficas ali registradas apontassem apenas para pântanos vazios ou desertos de pedra onde nenhuma fundação humana jamais havia sido erguida pelas autoridades oficiais. Comprar um daqueles mapas na feira da periferia não era um ato de busca por rotas de viagem ou orientação espacial; era o

*passaporte para habitar uma arquitetura da
imaginação, uma constelação de cidades de
fumaça criadas para consolar os homens que
havião perdido suas pátrias reais na poeira da
estrada de ferro. Ele vendia os traçados com a
seriedade de um tabelião que registra propriedades
de luxo, ciente de que as geografias mais
duradouras são aquelas que não dependem do
concreto ou da fiscalização das alfândegas para
existir, restando aos moradores da colina guardar
os papéis nas gavetas para sonhar com portos onde
os navios não tinham nome e onde o tempo corria
nas terças-feiras de trás para diante.*

*Conto 53: A mancha de infiltração na parede
que desenhava um rosto*

O vazamento crônico nos canos de ferro do banheiro vizinho espalhou-se lentamente pelo reboco da sala de jantar ao longo de três outonos sucessivos, criando uma mancha escura de umidade que desbotou o papel de parede floral e cobriu a superfície com um mapa de fungos esverdeados. No entanto, o desenho daquele lodo doméstico não permaneceu abstrato; à medida que o inverno endurecia a geada nas vidraças, os contornos do mofo reorganizaram-se com precisão anatômica, revelando as linhas esmaecidas de um rosto masculino de olhos profundos e maxilar rígido que parecia vigiar a mesa de fórmica lascada. Olhar para aquela aparição hidráulica na parede era compreender que as casas velhas

acumulam as feições de seus antigos moradores na estrutura da alvenaria, uma constelação de sombras orgânicas que reagem à passagem do tempo e à solidão dos ambientes fechados. O homem da casa recusava-se a raspar o reboco ou aplicar cal sobre a infiltração, aceitando aquela fenda visual como a presença legítima de um hóspede silencioso que dividia o espaço sem cobrar explicações, ciente de que a matéria inanimada possui memória própria e de que aquele rosto de água e poeira era o único espelho fiel capaz de registrar o peso dos ciclos que assombravam o vilarejo.

*Conto 54: O menino que colecionava dentes de
leite de animais extintos*

No interior daquela caixa de charutos de madeira de cedro que ele escondia sob as vigas soltas do assoalho do quarto, as pequenas peças de marfim e cálcio descansavam sobre um leito de algodão hidrófilo como relíquias de um mundo que a civilização ferroviária havia sepultado na poeira. O menino não buscava moedas de cobre ou selos postais estrangeiros no lixo da periferia; sua obsessão diária consistia em vasculhar as margens do rio lamacento após as grandes tempestades de inverno, caçando aqueles minúsculos fósseis brancos que pertenciam a linhagens de lobos da neve, raposas azuis e ursos das cavernas que haviam desaparecido das colinas séculos antes do nascimento de seus avós. Segurar aqueles dentes na

*palma da mão era conectar-se a uma constelação
biológica extinta, uma arqueologia da infância
onde o toque no esmalte frio dos animais
despertava em sua mente imagens de florestas
perenes e caçadas noturnas sob luas que o céu
moderno já não sabia acender. Os adultos riam
daquela coleção inútil que não servia para trocar
por pão ou querosene na taverna, mas ele
guardava os tesouros com a devoção de quem cuida
dos últimos fragmentos de uma criação sagrada,
ciente de que o silêncio da terra guarda os segredos
de tudo o que fomos antes que o asfalto cobrisse o
vale.*

PARTE VII: O Inventário das Sobras

*Conto 55: A cadeira vazia diante da mesa posta
para um*

O prato de duralex âmbar ocupava o centro exato do jogo americano de plástico trançado, ladeado por um garfo de metal barato cujos dentes estavam ligeiramente tortos devido aos anos de uso e por uma faca sem corte que já não servia para rasgar nada mais resistente que o miolo de um pão amanhecido. Diante daquela disposição solitária de utensílios domésticos na cozinha penumbrosa, a cadeira de madeira de pinho permanecia ligeiramente afastada da borda da mesa, exibindo o assento de palha desgastado pelo peso de um corpo que simplesmente havia desistido de ocupar o seu lugar habitual na refeição da noite. Observar aquele vácuo geométrico no mobiliário não gerava desespero ou lamentos em voz alta no aposento

trancado; funcionava apenas como o registro burocrático e frio de uma ausência definitiva que a rotina da casa havia assimilado como parte da paisagem das sobras, uma contabilidade exata onde o número de moradores reduzia-se ao mínimo necessário para manter o espaço em silêncio. O homem na poltrona do canto encarava a madeira vazia e compreendia que o fim de uma linhagem não precisa de grandes tragédias para se fazer notar, bastando-lhe aquela imobilidade das coisas que permanecem esperando por ninguém enquanto a geada lá fora começa a desenhar cristais de gelo na tranca de ferro da porta.

*Conto 56: O sapato sem par esquecido no
acostamento da estrada*

A peça de couro preto e bico quadrado repousava sobre a brita miúda e a lama seca da valeta, exibindo o salto de borracha gasto de um lado só e os cordões de algodão desfiados pela ação do vento e da chuva de sucessivos outonos. Não havia qualquer sinal de pegada ao redor ou qualquer indício que explicasse como aquele objeto utilitário havia sido separado de seu correspondente legítimo no meio daquela planície deserta, restando-lhe apenas funcionar como um monumento anônimo à interrupção de uma jornada mecânica de caminhada pela periferia ferroviária. Olhar para aquele couro ressecado e rachado pelo sol era testemunhar a desolação das coisas que perderam a sua metade essencial e que, por isso, tornaram-se

inteiramente inúteis para a lógica do mundo dos homens, uma sobra descartável que o capim rasteiro começava a cobrir lentamente com suas folhas secas e pontiagudas. O homem que passava pela estrada de terra não parou para recolher o achado; limitou-se a desviar o passo com a indiferença de quem sabe que a paisagem do exílio é feita de fragmentos soltos que não admitem reconstrução alguma, aceitando que a perda é uma condição irrevogável e que o sapato cego permaneceria ali até que a geada de inverno terminasse de apodrecer a sua matéria.

*Conto 57: A última lâmina de barbear usada
até perder o corte*

O pequeno retângulo de aço fino e flexível repousava sobre a borda de louça manchada do lavatório do banheiro, exibindo ao longo do seu fio metálico uma sequência microscópica de dentes e ranhuras cegas provocadas pela fricção diária contra a aspereza de uma barba que crescia à revelia de qualquer vaidade burocrática. Raspar os pelos do rosto com aquela ferramenta gasta tornara-se um exercício doloroso e inútil de atrito na penumbra da manhã, um ritual onde o metal já não cortava a pele, mas apenas arranhava a epiderme seca com uma insistência mecânica que mimetizava a própria estagnação dos dias na colina deserta. Não havia mais reposição possível na gaveta do armário de remédios; aquela era a

*última lâmina disponível na casa vazia, uma
sobra industrial que perdia a sua única função
prática no mundo à medida que o inverno
congelava os canos de ferro e impunha a
imobilidade. O homem encarava o aço fosco e
aceitava que despojar-se do corte era apenas mais
um estágio do seu inventário de perdas, uma
capitulação silenciosa diante do tempo onde o corpo
aceita o avanço do pelo e do desleixo como quem
aceita o crescimento do musgo sobre as pedras da
calçada úmida.*

*Conto 58: O cinzeiro cheio de bitucas apagadas
na madrugada*

O pequeno prato de vidro grosso e lapidado ocupava o centro da mesa de cabeceira como um receptáculo de pequenas ruínas, acumulando uma montanha desordenada de cilindros de papel desbotado e filtros amarelados que haviam sido esmagados contra o fundo com uma força desproporcional. Cada uma daquelas bitucas retorcidas representava a medida material de uma hora gasta na insônia da vigília, uma contabilidade fumegante que havia preenchido o quarto com uma névoa azulada antes que o hálito gélido da aurora passasse a resfriar os restos do tabaco consumido na penumbra. Olhar para aquele monte de cinzas frias era fazer o inventário de um diálogo que não aconteceu, um monólogo

*silencioso onde o homem na cama de solteiro
consumira a própria noite em tragadas curtas e
respirações arquejantes enquanto o vento do norte
açoitava os galhos secos das macieiras do lado de
fora. Não havia mensagens ocultas ou revelações
místicas no interior daquele cinzeiro
transbordante; restava apenas o registro
burocrático e sujo de um vício que já não trazia
prazer algum ao peito, funcionando apenas como o
testemunho físico de que ele havia sobrevivido a
mais um ciclo de escuridão usando os últimos
maços que restavam na gaveta.*

*Conto 59: O guarda-chuva quebrado que não
protege da tempestade*

A armação de hastes metálicas estava retorcida e rompera o tecido de nylon preto em três pontos distintos, deixando que as pontas de aço enferrujado espetassem o ar como costelas expostas de um bicho morto na calçada úmida. Empunhar aquele cabo de plástico lascado no meio do vendaval que descia da colina não passava de um gesto mecânico e absurdo de conformismo, uma tentativa fútil de erguer uma barreira contra a água que despencava do céu de chumbo e que, contornando os rasgos da lona, ensopava os ombros do casaco de lã e escorria pelo pescoço com a força de uma punição inevitável. O objeto havia perdido a sua única função burocrática e utilitária no mundo, transformando-se em mais uma sobra

incômoda que pesava nos dedos frios enquanto o homem caminhava em direção à linha ferroviária da periferia. Ele sabia que o mais sensato seria abandonar aquela carcaça na primeira valeta ou deixá-la caída junto ao acostamento da estrada de terra, mas a sua mão recusava-se a abrir o punho, forçando-o a carregar aquela ruína doméstica através da tempestade como quem exhibe o próprio testamento de sua incapacidade de se proteger do inverno.

*Conto 60: A xícara de café frio com uma mosca
afogada no fundo*

O recipiente de louça branca com a asa colada por uma resina amarelada repousava sobre o canto da mesa de fórmica lascada, guardando em seu interior dois dedos de um líquido escuro e denso que havia perdido o aroma e o calor nas primeiras horas da madrugada. Na superfície daquele espelho opaco e frio, o corpo minúsculo do inseto de asas transparentes permanecia perfeitamente imóvel, com as pernas voltadas para cima em uma rigidez microscópica que testemunhava o desfecho silencioso de sua última busca por alimento na penumbra da cozinha. Observar aquela pequena ruína biológica boiando no resto da bebida não despertava repulsa ou o desejo de limpar o vasilhame; funcionava apenas como o registro

burocrático de uma paralisia que se estendia por todo o aposento vazado, onde o tempo parecia ter coagulado junto com o açúcar no fundo da porcelana. O homem sentado na cadeira de pinho encarava o círculo escuro e aceitava que a vida na vila havia se reduzido àquela escala mínima de acidentes domésticos insignificantes, uma engrenagem paralisada onde nada mais acontecia fora o acúmulo de poeira e o sepultamento das pequenas criaturas sob o peso do inverno perene.

*Conto 61: O casaco de lã roído pelas traças no
fundo do armário*

*A vestimenta de tecido grosso e coloração cinza-
escura permanecia pendurada no cabide de arame
torto como a pele descartada de um animal que há
muito havia abandonado aquele aposento úmido.
Ao puxar a peça de lã para fora do armário de
pinho, a luz fraca da janela revelou uma
constelação de pequenos furos e rasgos geométricos
nas mangas e na região do colarinho, perfurações
minuciosas causadas pelo apetite silencioso dos
insetos que haviam transformado aquela proteção
invernal em uma colcha de retalhos esburacada.
Vestir aquele casaco danificado já não oferecia
nenhuma garantia contra o vento cortante que
soprava da estrada de ferro; o frio passava
livremente pelas frestas do tecido, beliscando a*

carne e lembrando o homem de que o tempo consome os abrigos humanos com a mesma indiferença com que a ferrugem destrói os trilhos da periferia. Ele passava os dedos pelas bordas esfiapadas da lã e aceitava que aquela ruína têxtil era o figurino exato para o encerramento de sua jornada na vila, uma sobra material que perdia a utilidade à medida que os dias se esvaziavam de sentido, restando-lhe apenas abotoar o que restava da peça e caminhar sob a geada.

*Conto 62: A página em branco no final da
caderneta de couro*

O pequeno bloco de anotações com as capas de couro rachado e amarrado por uma tira de camurça gasta repousava sobre os seus joelhos como um fardo burocrático que já não continha nenhuma revelação ou segredo familiar a ser desvelado. Ao folhear as folhas de papel jornal amareladas pela umidade do porão, ele percorreu os registros anteriores escritas com uma caligrafia trêmula, anotações diárias sobre o preço do centeio e as datas dos sepultamentos na geada, até alcançar a última página do volume, um retângulo plano e completamente limpo onde nenhuma linha de tinta ou grafite havia sido traçada pelas suas mãos calejadas. Encarar aquele vácuo de celulose não despertava a urgência de registrar um último

desabafo ou uma frase de despedida para os que ficaram na periferia ferroviária; funcionava apenas como o anúncio material de que as palavras haviam chegado ao seu limite exato de utilidade na vila, esvaziando a mente de conceitos antes que o blecaute total se instalasse na sala vazia. A caderneta havia chegado ao fim de sua capacidade de arquivar o tempo, restando-lhe apenas fechar as capas e aceitar o silêncio daquela folha intocada como o prenúncio exato de um ciclo que se encerrava no escuro.

*Conto 63: O último suspiro da engrenagem antes
do silêncio definitivo*

O atrito final ocorreu na escuridão completa do porão, um som metálico, rústico e agônico que pareceu exigir da velha roda denteada de ferro fundido a totalidade de suas forças restantes, antes que o último dente oxidado cedesse ao cansaço mecânico e travasse definitivamente contra a ranhura da engrenagem companheira. Não houve estalo violento ou o barulho de peças estraçalhadas despencando sobre o concreto úmido; houve apenas a paralisia imediata, pesada e irrevogável de todo o maquinário que teimara em vibrar na periferia ferroviária ao longo de sessenta e três movimentos diários e consecutivos sob a névoa. O silêncio que se instalou após a queda do movimento não era um vazio comum, mas a própria substância do tempo

que havia parado de se acumular sobre as coisas, libertando o vale de seu compasso monótono e cancelando qualquer expectativa de um novo amanhecer na colina deserta. O homem na poltrona afastou os dedos do vidro frio da janela, fechou os olhos na penumbra da cozinha e aceitou que o inventário das sobras havia chegado ao seu ponto final, uma contabilidade encerrada onde não restava mais nenhuma linha de tinta, nenhum grão de café ou nenhuma palavra a ser dita no escuro, restando apenas o repouso absoluto de uma engrenagem que, afinal, cumprira o seu ciclo inevitável.

Pós-fácio: O Resto é Silêncio

Escrever é uma tentativa fútil de domesticar o tempo através da geometria das palavras. Quando a última engrenagem trava e o eco da ficção silencia, o que resta ao autor e ao leitor não é uma explicação, mas o peso do vazio que as narrativas tentaram, por sessenta e três vezes, preencher.

As vilas enevoadas, os trilhos congelados e os corpos marcados pela submissão que cruzaram estas páginas não buscam abrigo na memória como fatos históricos, mas como cicatrizes de um ciclo que se repete à revelia das nossas vontades burocráticas. A literatura não salva da ruína; ela apenas faz o inventário das sobras com uma precisão cirúrgica antes que a escuridão reivindique o tabuleiro. Fechado este volume, o maquinário para. A névoa, enfim, assenta-se sobre o texto. Ao leitor que cruzou estes sete desertos, resta apenas encarar a página em branco e aceitar o repouso do ferro.

— P. D. R.

63:
O Peso dos Ciclos

O tempo não avança; ele se acumula. Em 63: O Peso dos Ciclos, Paulito Dagen Roer conduz o leitor por um labirinto de setenta e sete passos suspensos na névoa do cotidiano. Dividida sob a mística e rigorosa geometria do número sete, esta obra reúne narrativas breves e viscerais que investigam as frestas da memória, o silêncio dos corpos e o exílio em geografias de ninguém. Cada texto é um fragmento de espelho que reflete a obsessão, a beleza e a ruína da nossa própria insistência em existir. Uma engrenagem hipnótica onde o fim é apenas o recomeço de um ciclo inevitável.



PAULITO DAGEN ROER

